

**A CONTRIBUIÇÃO DA REVISTA SEITÔ PARA AS DISCUSSÕES FEMINISTAS
NO JAPÃO E SEUS DESDOBRAMENTOS¹**

**THE CONTRIBUTION OF THE SEITÔ MAGAZINE TO FEMINIST DISCUSSIONS
IN JAPAN AND ITS RAMIFICATIONS**

Laura M. Cecilio²

Resumo

Seguindo o fluxo das publicações da *Seitô* – a primeira revista dirigida por mulheres e para mulheres, no Japão – o artigo apresenta uma perspectiva do início do feminismo japonês, onde constrói uma narrativa a partir da contribuição da revista, mas acaba demonstrando desdobramentos históricos importantes e questionadores de uma história contada por uma única visão. Observando como as japonesas se organizavam e se manifestavam através da escrita em jornais, periódicos e livros, assim como expressavam suas reivindicações, a revista se formou na possibilidade de um espaço de discussão para assuntos sociais, cujas formas de expressão foram disruptivas para a época e abriram caminhos para que outros questionamentos, anteriormente invisibilizados e silenciados, pudessem emergir e estar nos holofotes.

Palavras-chave: Anarquismo. Comunismo. Fabulação. Feminismo. Publicação Independente.

Abstract

Following the flow of *Seitô's* publications—the first magazine directed by women and for women in Japan—the article presents a perspective on the early Japanese feminism. It constructs a narrative from the magazine's contribution, but ends up revealing significant and challenging historical developments, questioning a history told from a single viewpoint. Observing how Japanese women organized and expressed themselves through writing in newspapers, periodicals and books, as well as articulating their demands, the magazine emerged as a space for social discussions. Its forms of expression were disruptive for the time, paving the way for other previously invisible and silenced questions to emerge and come into the spotlight.

Keywords: Anarchism. Communism. Fabulation. Feminism. Independent Publications

SEITÔ

Seitô, a primeira revista literária criada unicamente por mulheres e para mulheres no Japão, teve esse nome (tradução em português para “Meias Azuis”³), pois a palavra se referia a

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho 4: As Simbologias Políticas, do VIII ComCult, Faculdade de de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da PUC, São Paulo – Brasil, 16 a 18 de novembro de 2023.

²Mestre, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, lauramcecilio@gmail.com

³ “Bluestockings”, tradução para o inglês, era utilizada por londrinos, em meados do século XVIII, para se referir sarcasticamente a um grupo seletivo de mulheres que usavam meias azuis – numa época em que usar meias pretas

mulheres que faziam coisas novas, as quais supostamente não deveriam, mas que ainda estariam em uma certa classe social de privilégio para poder fazê-lo (SUZUKI, 2000b). Hiratsuka Raichô comenta:

Se começássemos nosso trabalho, as pessoas iriam nos criticar porque as mulheres não devem fazer essas coisas. Portanto, pode não ser uma má ideia nos chamarmos de 'bluestockings' antes que os outros o faça. (1975, p. 298-299).

A organização da revista *Seitô*, *Seitôsha*, esperava uma crítica bastante rígida, por se tratar de uma revista dirigida à mulheres. Ao adotarem o nome, elas antecipavam o criticismo com dignidade. Suas fundadoras estavam na casa dos 20 anos, solteiras, com educação de segundo grau, pertencentes à classe alta. A maioria das participantes não trabalhava, mas havia entre elas, sim, jornalistas e professoras. Apesar de muitos acreditarem que se tratava de uma sociedade feminista, esse não era seu objetivo, tampouco se identificavam dessa maneira. Seu maior feito foi, através da literatura, unir mulheres que estavam interessadas em sair do círculo de controle masculino. Apesar disso, dois terços de sua audiência, na primeira edição, eram homens curiosos com a *Seitô*. Por conta disso, muitas das autoras acabaram não se engajando tanto quanto gostariam, se sentindo intimidadas pelo público masculino presente, mas a sociedade foi tomando forma de maneira que publicaram 52 edições, entre setembro de 1911 e fevereiro de 1916⁴.

A intenção de Hiratsuka Raichô, uma das fundadoras, era dar vazão à expressão das mulheres da época, que eram privadas de toda e qualquer forma de liberdade, seja financeira, educativa, social, enfim, expressiva em geral. Seu então mentor, Ikuta Chôkô (1882-1936), tinha a encorajado para criar uma revista unicamente com a intenção de incentivar uma escrita literária *feminina* – existiria um “gênero textual feminino”? – mas Raichô discordava e queria que essa criação fosse em prol da conscientização das mulheres (LEVY, 2014). Dessa maneira, Raichô estabeleceu, com a revista, um espaço de discussão para assuntos sociais considerados muito

eram a norma. Essas mulheres se reuniam no salão da Sra. Elizabeth Robinson Montagu (1718 – 1800), para discutir arte e ciência com outros homens. Montagu foi uma reformadora social britânica, colecionadora de arte, *salonnière*, crítica literária e escritora.

⁴ Com exceção dos números de setembro de 1914 e agosto de 1915, que não foram lançados.

polêmicos para a época, como divórcio, traição, educação inclusiva e igualitária e relações de respeito na família.

Figura 1



Membros da *Seitō*, foto tirada durante a celebração do ano novo em Fujikawa.
Fonte: Christine Levy, 2012.

No auge do seu sucesso, *Seitō* tinha 150 assinantes – a maioria, estudantes *Universidade para Mulheres do Japão*. Seu repertório continha toda forma possível de escrita literária japonesa dos anos 1910: poesia experimental, *haiku*, *waka* clássico e inúmeros dramas influenciados pela forma escrita em voga e pela efervescência das primeiras performances europeias modernas no Japão. As pequenas ficções sempre traziam um estilo confessional, também conhecido como *watakushi shosetsu* ou *shi-shōsetsu* (traduzido também como ficção pessoal), que era comum na época – influenciado pelo naturalismo, esse estilo propunha se integrar aos detalhes mais íntimos da vida da autora, mesmo quando os personagens da história têm diferentes nomes com relação à vida “real”. Com ensaios frequentemente intensos e pessoais⁵, a forma que se construía *Seitō* já era bastante disruptiva para a época – mas seus temas eram ainda mais: orbitando os tópicos da “nova mulher”, como casamentos e abortos, por exemplo, muitas vezes as *Seitō* debatiam entre si e publicavam críticas bem embasadas, até mesmo em outras revistas.

⁵ especialmente quando eles tomavam a forma de um fluxo livre do *kansō* (uma forma de ensaio impressionista) e adotavam uma tonalidade de “cartas pessoais”.

As ideias “libertárias” ocidentais indicavam que as “novas mulheres japonesas” buscavam um misto entre a modernidade e a intelectualidade, e se desafiavam para além das fronteiras do país: se abriam em seus artigos, demonstrando a raiva e a incredulidade com o sistema *iê*⁶, com o sistema educacional, com a legislação nada representativa e suas leitoras admiravam tal coragem, espelhavam-se e buscavam referências. Às vezes, escreviam diretamente para as escritoras, que sentiam laços íntimos através de problemas comuns que escorriam pelas revistas naquele momento e que, anteriormente eram rigorosamente silenciados.

Seitô era um eco de um cenário mundial, que tinha sido afetado por ideias modernas e, rapidamente, se tornou o centro dos debates sobre o que viria a ser a “nova mulher”. Mas, embora bastante consumida pelo público, a recepção da revista pelo governo não foi tão positiva. Várias das suas publicações sofreram com a censura e foram banidas do Japão. Entre elas, listamos:

1. Setembro de 1911. A primeira edição da revista *Seitô* foi censurada por conta do artigo “Ikichi” (“Sangue da vida”) de Tamura Toshiko (1884-1945), uma pequena história que descrevia, de forma erótica, as reminiscências de uma mulher que passou a noite anterior em um hotel com um homem.
2. Abril de 1912, com o artigo de Araki Iku (1890-1943) chamado “A Carta”, um poema sobre o adultério cometido por uma mulher; a mesma edição também foi censurada com o artigo “Anto” (“Conflito secreto”), de Iwano Kiyoko, uma história sobre o confronto de uma esposa com a amante de seu marido e seu desejo de separação pela falta de respeito com as mulheres;
3. Janeiro de 1913, com o artigo “Shuppon” (“O caminho da nova mulher”), de Itô Noe (1895-1923), uma história que circunda os pensamentos de uma mulher que quer escapar do casamento arranjado e acaba sendo traída pela mesma pessoa com a qual gostaria de fugir;
4. Fevereiro de 1913, com o artigo de Fukuda Hideko “A Solução para a questão da mulher” que falava não apenas sobre o feminismo, mas sobre a repressão e a censura, partindo de um ponto de vista socialista;
5. Abril de 1913, com o artigo “Yo no Fujintachi ni” (“Para as mulheres do mundo”), de Hiratsuka Raichô, um ensaio desafiando o sistema *iê*;
6. Julho de 1915, com o artigo de Harada Satsuki, chamado “Para o meu amor, de uma mulher aprisionada”, sobre uma mulher que queria e defendia a necessidade do próprio aborto.

Além de encontrar o obstáculo da censura da época, as mulheres conectadas à *Seitô* frequentemente se tornavam alvo de tablóides. O conceito de “nova mulher” passou a ser

⁶ O “*Ie*” ou “família”, era a unidade básica do Japão até o final da Segunda Guerra Mundial, consistido por pai e mãe, seu filho com a esposa e respectivos filhos. Todos da família tinham papéis definidos (como a mulher em gerar filhos e o homem a trazer a renda para casa) e, juntamente com todos os núcleos familiares do país, serviam ao Imperador.

utilizado de maneira pejorativa, especialmente por homens influentes da época, o que levou Hiratsuka a publicar um ensaio chamado “New Woman” para a revista *Chuô Kôron*:

Eu sou uma nova mulher. Dia após dia eu busco e me esforço para ser a verdadeira nova mulher que eu quero ser. A única coisa que se renova verdadeira e eternamente é o Sol. Eu sou o Sol. Dia após dia busco e me esforço para ser o Sol que quero ser... Uma nova mulher amaldiçoa o “ontem”. Ela não pode mais suportar silenciosa e obedientemente trilhar o caminho que uma velha oprimida e antiquada, que se tornou ignorante, que foi escrava de um homem e que foi tratada como nada além de um pedaço de carne pelo egoísmo masculino. Uma nova mulher deseja destruir a velha moral e as leis, que foram criadas para a conveniência dos homens... Uma nova mulher não apenas tenta destruir a velha moral e as leis que foram construídas a partir do egoísmo masculino, mas dia após dia ela tenta criar um novo reino. (Tradução da autora)

Depois dessa publicação, Hiratsuka ainda promoveu dois ensaios na revista *Seitô* no mesmo tema, *Atarashii onna sonota fujin mondai ni tsuite* (“Novas mulheres e outras questões das mulheres”) em janeiro de 1913 e o segundo artigo um convite de publicação à Fukuda Hideko, “A solução para a questão da mulher”, que analisaremos a seguir.

A solução para a questão da mulher, Fukuda Hideko, 1913

Fukuda Hideko tinha apenas 20 anos quando publicou “Fujin mondai no kaiketsu” (“A Solução para a questão da mulher”). Quando Hiratsuka Raichô a convidou para publicar, certamente sabia que Fukuda estava associada ao ativismo radical da época. Ela já era uma militante conhecida por reivindicar direitos humanos igualitários e percebia as dificuldades enfrentadas pelas mulheres intrinsecamente ligadas ao sistema capitalista. Fukuda ansiava por mudança.

Mesmo assim, todas as escritoras ficaram bastante surpresas quando a edição *inteira* de fevereiro de 1913 foi banida por conta de seu artigo. As notícias eram de que a censura se deu ou porque era um artigo “escrito por uma mulher socialista ou porque era sobre a destruição do sistema familiar”. Assim que os boatos se alastraram, o pai da família de Raichô, que já não estava contente com a profissão da filha por ser totalmente “não convencional”, a expulsou de casa para que ele não fosse comprometido (LEVY, 2012).

De fato, “A Solução para a questão da mulher” foi um dos ensaios mais polêmicos, já que introduzia questões classistas dentro de um cenário onde o que mais se discutia era apenas questões de gênero entre mulheres privilegiadas – com um certo grau de escolaridade, certo

grau de socialização e certo grau de conhecimento político. Para essas jovens, o sistema familiar e seus papéis de gênero eram os maiores obstáculos para que atingissem seus objetivos e desejos pessoais e profissionais. Já o artigo de Fukuda Hideko levantou debate dentro da própria revista e acabou pressionando outras feministas por uma discussão mais abrangente sobre a igualdade de classe. A autora foi radicalmente marxista: contextualizava classe e raça em uma revista onde as mulheres apenas problematizavam questões ligadas ao gênero no espaço privado, como sexualidade, matrimônio e traição, mas nunca sob uma perspectiva social. Rompendo com o pensamento linear ao questionar suas colegas da *Seitô*, instaurava-se um clima de fricção de um feminismo mais crítico que o liberal, abordado até então.

Em sua publicação, Fukuda explicitamente provocava reflexões sobre a *real* libertação dos seres humanos, para além das mulheres, não em um tom de nivelamento e apaziguamento, mas em um tom crítico. Para reivindicar direitos iguais para homens e mulheres, isso precisa ser levado em consideração em toda e qualquer ação – incluindo, por exemplo, direitos iguais para homens e mulheres que já estudam aplicados a homens e mulheres que não podem, mas passarem a estudar. No trecho: “Junto com a libertação das mulheres, a libertação dos homens também deve ser realizada. Os homens de hoje não estão tão confusos quanto as mulheres por suas circunstâncias miseráveis?”⁷, ela convocava as mulheres e os homens para repensarem o rumo que a modernidade levava a sociedade.

Fukuda não estava muito distante do que já se discutia em outros países, inclusive, sua fala predizia o que seria criticado na “Segunda Onda do Feminismo” pelas mulheres negras dos Estados Unidos. Apesar da escrita contrastante com as demais, envolvendo críticas de classe, Fukuda Hideko tinha em seu texto um tom paciente, pedagógico e esperançoso. Traduzido pela autora, a partir do texto de Jan Barsdley, 2007:

Embora eu não esteja familiarizada com os detalhes, parece que na sociedade dos tempos antigos, tanto as mulheres quanto os homens viviam uma vida livre e saudável em abundância. No entanto, à medida que abrimos nossos olhos para o conhecimento, os homens se separaram das mulheres, aqueles no poder se separaram dos que não tinham autoridade, as pessoas se separaram da natureza e o eu interior se separou do eu exterior. A vida livre e saudável dos antigos foi varrida por ondas de conflito de classes e opressão, guerra e decadência, nos levando às tristes condições que temos hoje.

⁷ Tradução da autora a partir do texto de Jan Barsdley, 2007.

Invocar esse debate para regatar a não separação do “eu interior” com o “eu exterior” provoca um aprofundamento na discussão sobre classes, exploração do trabalho e visão antropocêntrica diante do mundo. É bastante interessante, também, considerar que esse texto foi escrito em 1913 e vai de encontro com o que ainda se debate hoje: A separação das pessoas da natureza foi mencionada porque a autora considera, sim, que a origem do atual problema da mulher se origina da separação do que é tido como melhor que outro, do que é mais autoritário que outro, estabelecendo uma lógica de poder entre o que controla e o que deve ser controlado.

Ao longo do texto, Fukuda apresenta novas possibilidades de viver, obtendo uma vida cujos casamentos por interesse financeiro (uma das grandes pautas da *Seitô*) seriam extintos, porque a reforma no sistema partiria de uma emancipação para todos os seres, considerando uma igualdade prática em todos os termos e levando a ciência e a tecnologia a objetivos de benefício coletivo – e não apenas nas mãos de poucos, como dá a entender na frase: “Não é irônico o ditado ‘Possuir uma joia leva a falhas’ irônico o suficiente para as pessoas modernas?”. Essa frase é proveniente de uma passagem chamada “The Tenth Year of the Emperor Kanko” (685-643 BCE) de um compilado chamado “Spring and Autumn Annals”⁸, cuja história diz que

havia um plebeu que não falhava até obter uma joia, algo que era inapropriado para seu status como plebeu. Estar em posse desse objeto tão valioso acabou perturbando suas relações com outras pessoas e o levou à calamidade. Estendendo essa metáfora para a idade moderna, Fukuda mostra como afeta o social quando a tecnologia e outras “joias” da modernidade estão nas mãos de poucos não são usadas em benefício de todos. Kuramochi Yasuo e Sakata Yukiko, eds. *Kan'yoku kotowaza jiten* (Sanseidô, 1983), 609. (Tradução da autora, a partir do texto de Jan Bardsley, 2007).

Fukuda Hideko, ao usar essa passagem rapidamente em seu texto, deixa subentendido sua intenção: o acúmulo de riquezas na mão de pessoas que não sabem usá-las, estremece a sociedade como um todo. Mas há brechas para outra interpretação: a passagem estaria dizendo que seria benéfico para os outros, o plebeu dividir suas joias com todos ou, não ter joia nenhuma?

Figura 3

⁸ As versões inglês e português não foram localizadas.



Fukuda Hideko
Fonte: National Diet Library.

A insustentabilidade do feminismo liberal

Embora *Seitô* inicialmente tenha causado muita consternação, a eclosão da Primeira Guerra Mundial afetou negativamente suas vendas e sua popularidade. Embora muitos outros jornais crescessem em pautas sobre as causas das mulheres desde 1910, tudo mudou quando a guerra foi declarada. Muitas revistas focavam em temas sobre o que acontecia no mundo, enquanto *Seitô* mal os discutia. A única obra publicada na *Seitô* que tratou da Primeira Guerra Mundial foi o artigo de Saiga Koto “As devastações da guerra” (“Senka”) que manifestou um ponto de vista pacifista. Conseqüentemente, o declínio da circulação de *Seitô* parecia inevitável, já que a revista era comumente apolítica e suas escritoras bastante apáticas em relação a questões políticas em geral. Além disso, Yasumochi Yoshiko, deixou *Seitôsha*, conseqüentemente, Hiratsuka teve que administrar *Seitô* sozinha, já que muitas mulheres tinham se casado, tiveram filhos e se ocuparam com o cuidado de crianças e tarefas domésticas.

Hiratsuka ficou exausta e a qualidade de *Seitô* caiu. A edição de setembro de 1914 nunca foi publicada por conta de sua saúde debilitada e a edição de outubro de 1914 se tornou a última editada por Hiratsuka. Então, ela pediu a Itô Noe, membra relativamente nova e jovem, para

editar as edições de novembro e dezembro da *Seitô*. A partir de janeiro de 1915, Itô assumiu integralmente a redação e superou Hiratsuka em vigor e compreensão social. Itô assumiu sua nova função com entusiasmo e otimismo, e propôs mudanças de plano em relação a *Seitô*:

Em primeiro lugar, retirarei todos os regulamentos existentes da *Seitô*. A partir de agora não terá regulamentos, nem políticas, nem convicções e nem princípios... Gostaria de continuar a reservar a *Seitô* principalmente para as mulheres. Qualquer pessoa que queira usar *Seitô* como um trampolim para seu sucesso social é bem-vinda. (TOMIDA, 2016)

Durante seu tempo, entre janeiro de 1915 e fevereiro de 1916, a revista *Seitô* teve novas colaboradoras. Novos temas como castidade, sexualidade, aborto e prostituição começaram a ser veiculados, temas sociais, por conta da aproximação aos temas de interesse de Itô. A nova editora foi gradualmente trazendo uma perspectiva anarquista para a revista, apresentando notícias sobre Ôsugi Sakae, um anarquista conhecido na época, com quem ela se casou em 1915. Ao mesmo tempo, *Seitô* passou a vender cada vez menos números, tendo um fim sem anúncio, em fevereiro de 1916. Mesmo assim, o movimento de mulheres se reunindo para discutir política e publicarem seus pontos de vista foi se tornando cada vez mais comum e mais “aceitável”.

Os anos seguintes foram muito marcantes para o desenvolvimento da ex-editora Seitôsha, Itô Noe. Criada a “Sociedade da Onda Vermelha”, *Seikirankai*⁹, Itô Noe foi adentrando cada vez mais nos estudos anarquistas, engatilhados pela contestação de Fukuda Hideko. Entendendo que seu papel como escritora também poderia ser exercido para fins políticos com os quais se identificava (como traduzir os livros feministas anarquistas de Emma Goldman¹⁰), Itô publicou o texto “The Facts of Anarchy” na intenção de refletir sobre o que era normalizado, mas

⁹ Formada por Itô Noe, Yamakawa Kikue e Sakai Tameko em 1921, no 1º de Maio do mesmo ano, as 20 associadas da sociedade carregaram bandeiras vermelhas e pretas com as letras “R” e “W” (Red Wave) e panfletavam um manifesto feminista anticapitalista. Todas as mulheres foram presas e a imprensa divulgou amplamente o acontecido. Em julho do ano seguinte, Yamakawa Kikue publicou um artigo criticando a “Nova associação das mulheres”, em especial Hiratsuka Raichô, advogando que se posicionavam apenas em pró das mulheres de classe alta, quando a questão da mulher assola pertencentes de todas as classes. No final do mesmo ano, por conta da forte perseguição do governo às mulheres e aos socialistas, a associação se diluiu, mas outros grupos mais tarde se formaram para prosseguir com os ideais da associação, como *Suiyōkai* (Sociedade da Quarta-feira) e *Yōkakai* (Sociedade do 8º dia).

¹⁰ Emma Goldman foi uma renomada ensaísta anarquista lituana, da área de filosofia, conhecida por seus artigos anticapitalistas bem como sobre a emancipação da mulher, problemas sociais e a luta sindical.

extremamente violento, como a perseguição do governo e o desabrigo de muitas famílias em ações militares. Dessa maneira, a autora colocava a própria vivência em ficção.

No seu texto, Ito Noe conta como funcionava o sistema da região onde viveu por muito tempo, como as pessoas se ajudavam e usavam da autonomia para tomar suas próprias decisões pensando na coletividade – Isso porque, a região era tão afastada e marginalizada, que nem mesmo o governo e as fiscalizações chegavam por lá. Logo, Ito vai destrinchando situações em que ocorrem problemas e como isso poderia acontecer se aplicado à realidade máxima (onde as pessoas marginalizadas não estão afastadas das privilegiadas, por exemplo), e como a organização, apreendida através de suas próprias experiências podem contribuir com a reconstrução de um senso coletivo.

No dia 1º de setembro de 1923, ocorreu o grande terremoto de Tóquio, *Kantō dai shinsai*. Como explica Harumi Setouchi, o governo se aproveitou da fragilidade da situação e prendeu e assassinou milhares de imigrantes chineses e coreanos, bem como grupos de dissidentes progressistas como anarquistas e republicanos. Nesse cenário, Itō Noe (com 28 anos na época), Ōsugi Sakae (38) e seu sobrinho de 6 anos, Munekazu foram presos, estrangulados até a morte e jogados em um poço abandonado por um esquadrão da polícia militar (conhecido como *Kenpeitai*) liderado pelo tenente Masahiko Amakasu. Assim que os corpos foram retirados do poço, foram inspecionados e encontrados cobertos de hematomas, indicando que haviam sido severamente espancados, de acordo com Setouchi (1993). Outra historiadora, como Patrícia Morley (1999) afirma que Itō e Ōsugi foram estrangulados em suas celas. Suas mortes chocaram o Japão e ficou conhecida como o Incidente de Amakasu. O tenente Amakasu foi preso e condenado a dez anos de prisão pelos assassinatos, mas foi libertado depois de cumprir apenas três anos.

Observações finais

Este capítulo procurou organizar, cronologicamente, as contribuições literárias e sociais para o início do movimento feminista no Japão, e acabou, por consequência, se deparando com inúmeras organizações contestatórias às políticas do final do Império Meiji e início da Democracia de Taishō. O que percebemos nessa linha do tempo foi um padrão semelhante aos outros movimentos feministas do mundo. As brasileiras, por exemplo, também passaram a

discutir direitos democráticos e de educação no final do século XVIII e início do século XIX, influenciadas pelas leituras europeias e discussões intelectuais. Ambos os países ainda se organizam por pautas de igualdade de gênero no trabalho, no parlamento e nos direitos reprodutivos.

Quando a *Seitô* surgiu, boa parte das mulheres do país já se reunia¹¹ pela legislação do trabalho, pela regulação do trabalho sexual, com reivindicações a piso salarial, condições dignas de serviço, diminuição da jornada e dissolução de áreas de prostituição. As membras da *Seitōsha* endossaram a discussão de gênero no meio intelectual, estimulando a produção de sentido, autoconsciência e pensamento crítico de suas leitoras. Esse cenário proporcionou a abertura de portas para discussão de direitos igualitários e novas políticas.

Como propunha Hiratsuka Raichō desde sua primeira publicação, a revista foi guiada pelos interesses das mulheres privilegiadas dos anos 1910, que foram privadas da própria individualidade, dos direitos democráticos e da educação, da independência social e financeira. Os debates levantados por elas, que rompiam com a inércia dos tabus sobre assuntos da vida privada (traição, independência financeira e do núcleo familiar, direito ao divórcio etc.), até hoje são considerados fundamentais para o início da discussão feminista no Japão. Seus textos propunham uma releitura da feminilidade, não como uma fraqueza, mas como uma virtude intelectual e natural, e o embasamento literário, adquirido pelo contato entre as membras e com outras leituras, permitiu segurança nos seus posicionamentos e argumentações cada vez mais engenhosas, que estimulou um olhar para a feminilidade, não só como um objeto poderoso, mas como fonte da voz principal sobre o próprio corpo – discutindo castidade, aborto e casamento arranjado.

Um ponto colocado pelas autoras era a moral afetada assimetricamente em situações de adultério. Os artigos de Araki Iku (“A Carta”) e Iwano Kiyoko (“Conflito secreto”) denunciam o de tratamento e a desigualdade das punições cometidas a homens e mulheres. Tais publicações foram censuradas pelo governo, simplesmente por serem ficções que retratavam a realidade – o desejo, a moral, a traição. Essa condenação foi um reflexo do que acontecia e extrapolava classes sociais. No ambiente rural, por exemplo, a situação em que um homem trai

¹¹ Não coincidência, a revista publicou pela primeira vez no mesmo ano de morte de Kanno Suga, a primeira presa política e sentenciada à morte.

era socialmente condenada, mas comum, porque ele que acabava preferindo se relacionar com mulheres que tinham um corpo menos “prejudicado” com o trabalho braçal do campo e encontrava meninas mais novas e “esbeltas” na cidade. Esse tipo de situação não se tornava um problema político se fosse praticada por homens – mas o mesmo não acontecia às mulheres que traíam, e poderiam receber sentença de até 2 anos de prisão.

Outro ponto em comum com outras classes foi levantado no artigo de Fukuda Hideko (“A solução para a questão da mulher”), proposto pela então editora Hiratsuka Raichô. Apesar de polêmico e continuamente censurado pelo governo, seu texto tinha a intenção de relembrar às leitoras, ou seja, às classes mais altas, de que existia um problema de gênero estruturado no tempo e no espaço, que afetava todas as mulheres, sobretudo às menos privilegiadas. Segundo Mikiso Hane (2013), a desigualdade entre os gêneros se agravou com a entrada das fábricas na área urbana no fim de 1800, quando os homens saíram do campo para trabalhar na cidade por 12 a 15 horas por dia. Antes, no período feudal, o trabalho no campo era igualmente dividido entre mulheres e homens. Essa descompensação de atividades para a mulher é implicada e generalizada: se sobre a mulher recai a responsabilidade do cuidado da família e manutenção da casa, a sobrecarga de trabalho para as mulheres do campo é consecutivamente maior. Deixadas (em média) com seis filhos, duas famílias, trabalho doméstico e do campo, o esforço é absolutamente desigual, tanto para com as responsabilidades de seus cônjuges, quanto para mulheres e homens de classes mais privilegiadas – que acabam se beneficiando disso. Este era o apelo que *Seitô* fazia em plena década dos anos 10.

Embora a constante censura do governo ameaçasse a existência da *Seitôsha*, as autoras também debateram pautas públicas, interessadas em discutir os direitos reprodutivos e a regulação do trabalho sexual. Os movimentos que surgiram posteriormente, como o organizado pelas *Red Waves* no Dia do Trabalho, apontam o *frisson* causado por suas publicações. A revogação das leis proibicionistas *Shûkai oyobi seisha-hô*¹² e *Chian Keisatsu-hô*¹³ em 1922 também são alguns exemplos desse progresso: muitos historiadores defendem a tese de que, como a lei já tinha sido contestada em janeiro de 1905 por Imai Utako, Kawamura Haruko e Matsuoka Fumiko, a

¹² Traduzida como “Lei da Assembleia Política e das Associações”, foi institucionalizada em 25 de julho de 1890, proibindo as mulheres de participarem de assembleias ou reuniões políticas.

¹³ Traduzida como “Lei Policial de Paz Pública”, Chian keisatsu-hô proibia mulheres de criarem ou participarem de grupos políticos, instituída em 1900.

criação da “Nova associação das mulheres”, *Shin fujin Kyôkai*, por Ichikawa Fusae, Hiratsuka Raichô e Oku Mumeo (1895-1997), tem ligação direta com a revogação das leis proibicionistas. Observamos, portanto, os interesses das ativistas se expandindo para além do ambiente privado, para além das próprias inclinações, demonstrando suas preocupações e comunicações com o restante da sociedade. Essas são pistas que direcionam uma pesquisa maior, que investiga formas da comunicação e da arte para fazerem vidas precarizadas se expressarem e serem ouvidas. Mas, com o material até então observado, o fato é que essa cronologia dos movimentos pelos direitos femininos no Japão suscitou, não apenas movimentações *ensimesmadas*, mas também fez cama para novas formas de questionamento, dando voz a mulheres que anteriormente não teriam tanto apelo, justamente pela contradição de serem fora da sociedade alta, mas que provocavam discussões mais profundas – como é o caso de Fukuda Hideko, que por anos lutou junto ao *Movimento Popular* e foi bastante perseguida, desestabilizando não apenas inimigos do governo, mas o próprio movimento feminista.

As discussões de Itô Noe, que já participava de alguns números da revista, foram se enriquecendo cada vez em contato com a *Seitô* e tomaram rumos através do anarquismo, como forma primordial de questionar mesmo a forma que a sociedade se organiza. A anarquia propõe, para além de repensar nos valores da hierarquia impregnados no pensamento produtivista, valorizar a auto-organização, questionando o que é dado *a priori*, o dado valor a ser seguido, uma dada forma de ser, uma dada forma de existir etc. O fator da autonomia presente na anarquia pressupõe a organização e cooperação coletivas, compreendendo a necessidade de pensar junto para pensar longe, sustentavelmente, e Itô Noe lutava por isso – e morreu por isso também.

Finalmente – Apesar da estrutura de terem editoras, a revista *Seitô* se debruçava para atender suas ouvintes e buscava sempre atender pedidos de novas autoras para publicar junto. A questão da mulher era o tema que unia todas elas, mas cada uma com suas subjetividades, por mais contraditório que isso pareça. De todo modo, mesmo em uma rede autônoma, é importante que os alinhamentos estejam sincronizados, em vias de, não parametrizar simetrias entre os temas e nivelar subjetividades, mas estarem sincronizadas em um objetivo coletivo comum. A insustentabilidade do feminismo liberal foi crescendo à medida que esse feminismo se esgotava entre os mesmos temas; veja, por mais disruptivo que tenha sido na época, ao alcançar muitas

vozes, novas vozes falam e possibilitam seu aparecimento *através* das diferenças. A discussão política na *Seitô*, pincelada por Hiratsuka em alguns artigos e escancarada por Fukuda Hideko, foi a sentença de declínio durante a editoração de Itô Noe, não porque não estavam aproximadas, mas porque evidenciou uma rigidez que não caberia mais quaisquer discussões. Dito isso, o feminismo liberal acaba sendo tão insustentável quanto o capitalismo (obviamente, porque são provenientes de uma mesma lógica), e, na espera de mudanças e transformações, o que se estabiliza se torna obsoleto e fica para trás. O que se reflete nessa pesquisa é que, mesmo Itô Noe acabou desinclinada a continuar, mas, não foi uma porta fechada, e sim um questionamento polemizado por algumas e enriquecido por outras, dando a ver novas possibilidades de fabular, em novos espaços que lhe sejam permitidas falar. Esse seria um ciclo presente nos processos de comunicação, de fabulação? Seria, portanto, a organização anárquica uma forma de insistir e existir?

Referências

Indicação de edição

- Bardsley, J. (2007). *The Bluestockings of Japan: new woman essays and fiction from Seitô, (1911-1916)* (Michigan Monograph Series in Japanese Studies, No. 60). Center for Japanese Studies, University of Michigan: Ann Arbor.
- Kano, A. (2017). *Japanese feminist debates: a century of contention on sex, love, and labor*. Honolulu: Paperback Editions.
- Lévy, C. (2014). *Genre et modernité au Japon. La revue Seitô et la Femme nouvelle*. Presses Universitaires de Rennes.
- Morley, P. (1999). *The Mountain is Moving: Japanese Women's Lives*. University of British Columbia Press.
- Setouchi, H. (1993). *Beauty in Disarray* (1st ed.). Rutland, Vermont: Charles E. Tuttle Company.

Artigos em revista

- Afonso, J. Dossiê Literatura de autoria feminina no Japão moderno. Fundação Japão, (n.d.). Retrieved October 21, 2023, from https://fjsp.org.br/dossie_literatura_feminina/
- Greiner, C. (2021). Fabulações da dor. *Dramaturgias dos Afectos: Sentimentos Públicos e Performance*, Revista Dramaturgias.
- Suzuki, S. (2000). Forms of Written Arguments: A Comparison between Japan and the United States. *International Journal of Intercultural Relations*, 34(6), 651-660. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2010.02.005>
- Suzuki, S. (2000b). Hiratsuka's "Editor's Introduction to the First Issue of Seitô": Where "Feminine Style" Intersects High-Context Communication, *Women's Studies in Communication*, 23(2), 182-208. <http://dx.doi.org/10.1080/07491409.2000.10162568>

Suzuki, M. C. (2019). From Kishida Toshiko to Nakajima Shōen. Gendered Power: Educated Women of the Meiji Empress' Court. University of Michigan Press, 39–53.

Tomida, H. (2016). The legacy of the Japanese bluestocking society: its influence upon literature, culture and women's status. Language, Culture and Communication, No. 48.

Sites

ONU. (2021). Human development report 2021/2022. Retrieved October 21, 2023, from http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2022_technical_notes.pdf

UNDP. (2021). Latest Human Development: composite indices tables. Table 5: Gender Inequity Index (GII). Data Downloads. Retrieved May 15, 2023, from <https://hdr.undp.org/data-center/documentation-and-downloads>